

**Entrevista com Adriana Mortara Almeida, Maria Ignez Mantovani Franco, Marília Xavier Cury, Milene Chiovatto e Rosalía Torrent Esclapes, por Fernanda Castro, Inês Gouveia e Lilian Amaral**

O Dossiê Mulheres e Museus, dos *Anais do Museu Histórico Nacional*, teve a honra de entrevistar cinco mulheres que atuam no campo museal para responder a onze questões que abordam, no contexto de questões de gênero, problemas contemporâneos dos museus.

Apresentamos suas respostas, em ordem alfabética, ricas em exemplos de suas trajetórias, experiências profissionais e condições de trabalho. Além disso, elas trouxeram suas impressões sobre o impacto do machismo e opressão de gênero na participação de mulheres na gestão e nos demais processos museais; a presença e representatividade feminina em acervos, exposições e demais ações de museus e centros culturais; as possibilidades de construção de políticas públicas que abordem a questão de gênero nos museus; e perspectivas de transformação do panorama de representação e participação de mulheres no contexto museal.

Combinadas aos textos do dossiê, essas entrevistas nos presenteariam com um olhar crítico, humano e diverso sobre o papel, o protagonismo e a inserção de mulheres no universo museal.

Nossas entrevistadas foram convidadas pela sua relevante atuação em museus e por representarem diferentes papéis profissionais, sendo elas:

**Adriana Mortara Almeida:** Possui graduação em História pela Universidade de São Paulo, graduação em Licenciatura em História pela Universidade de São Paulo, mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e doutorado em Ciência da Informação e Documentação pela Universidade de São Paulo. Tem pós-doutorado na área de Museologia, realizado no Instituto de Geociências da UNICAMP. É professora-adjunta da Escola de Ciência da Informação da UFMG e coordenadora acadêmica do Setor Educativo do Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB) da UFMG desde fevereiro de 2021. Foi coordenadora do Comitê para Ação Educativa e Cultural do Conselho Internacional de Museus (ICOM) Brasil.

**Maria Ignez Mantovani Franco:** Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, de Lisboa, Portugal, graduou-se em Comunicação Social pela Fundação Armando Álvares Penteado, com especialização em Museologia pelo Convênio MASP (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand) e FESP (Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo). É fundadora da empresa Expomus – Exposições, Museus,

Projetos Culturais, por ela criada em 1981. Foi representante do ICOM Brasil no Conselho Nacional de Política Cultural e no Conselho Consultivo do Patrimônio Museológico do Instituto Brasileiro de Museus/Ministério da Cultura.

**Marília Xavier Cury:** É museóloga e educadora de museu. Mestre e doutora em Ciências da Comunicação e livre-docente em Museologia pela Universidade de São Paulo (USP). É docente desde 1992, atuando no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP). Coordenou o Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da USP e foi vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do MAE-USP. É presidente da Comissão de Pesquisa do MAE-USP e membro do Conselho de Pesquisa da USP.

**Milene Chiovatto:** É licenciada em Artes e mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da USP. Coordena o Núcleo de Ações Educativas da Pinacoteca de São Paulo e foi presidente do Comitê para Ação Educativa e Cultural do Conselho Internacional de Museus.

**Rosalía Torrent Esclapes:** É licenciada em História da Arte e doutora em Filosofia pela Universidad de Valencia. É professora da Universidad Jaume I na Facultad de Ciencias Humanas y Sociales e diretora do Museu Vilafamés – MACVAC (Museu d'Art Contemporani Vicente Aguilera Cemi), na Espanha.

## ENTREVISTAS

### 1. Como você apresentaria sua biografia profissional na Museologia destacando o fato de ser mulher?

*¿Cómo presenta su biografía profesional en museología, destacando el hecho de ser mujer?*

**Adriana Mortara Almeida:** Entrei para o campo da Museologia por acaso, por indicações de mulheres. Trabalhava, em 1986, como revisora em uma revista e uma colega me informou sobre uma vaga para pesquisador/a em História. Fui trabalhar para um museu de indústria que estava em construção, tendo como chefe uma museóloga, Beatriz Henriques. Nesse ambiente de fábrica, tendo homens como patrões, me sentia acolhida por Bia. A partir daí, passei a fazer cursos de extensão para aprender o máximo que podia sobre museus. Conheci diversos profissionais de museus da USP, com destaque para Maria Cristina Bruno, com quem iria trabalhar posteriormente.

**Maria Ignez Mantovani Franco:** Sou graduada em Comunicações e tenho especialização em Museologia pelo MASP/FESP. Em 1981, aos 27 anos, criei a primeira empresa brasileira dedicada a museus, a Expomus, que desenvolve projetos nacionais e internacionais nas áreas

da cultura, ciência e inovação. Em 2009, concluí o doutorado em Museologia na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. Sou também ex-presidente do ICOM Brasil. Acredito na Museologia crítica e atuo para que os museus protagonizem a luta pela diversidade, equidade e contra a exclusão e o preconceito.

**Marília Xavier Cury:** Talvez o fato de ser mulher tenha me levado a escolhas do “cuidar” no sentido da educação e da exposição que nos levam ao público. Foi a Waldisa Russio Camargo Guarnieri, em 1986, que me apontou a minha vocação para a comunicação museológica. Em 1988, como educadora no Museu Lasar Segall, desfrutei de anos de aprendizagem e contribuições, passando ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) em 1992, e entendo que a comunicação museológica se define plenamente pela pesquisa, o ensino e a extensão. Venho, então, ampliando os referenciais de comunicação museológica para as relações dialógicas, o que liberta, sem abandonar, essa subárea da Museologia da exposição e educação, e a situa nas relações que se dão entre sujeitos no museu ou pelo museu. É isso que eu faço hoje.

**Milene Chiovatto:** Mulher, licenciada em Artes Visuais pela Universidade Mackenzie e mestra em Comunicações pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Trabalhadora da área de educação museal desde os anos 1980, coordenou as visitas educativas na XXIV Bienal de São Paulo e na mostra Arte/Cidade – Zona Leste, entre outras. Coordena, desde 2022, o Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca de São Paulo e foi presidenta do Comitê de Educação e Ação Cultural do Conselho Internacional de Museus (CECA-ICOM) de 2016 a 2019.

**Rosalía Torrent Esclapes:** Entré en contacto con el mundo de los museos en las pasadas décadas de los ochenta y noventa, al ser invitada a colaborar con el entonces llamado Museo Popular de Arte Contemporáneo de Vilafamés, en Castellón (España). Era el primer museo de arte contemporáneo de territorio valenciano, contando entonces (como era habitual en el resto de centros de arte) con una escasa representación de mujeres artistas. Años después (en el 2015) opté a la dirección del mismo. Tengo que decir que me animó a ello un equipo de compañeros varones (al frente entonces del centro), que valoraron una trayectoria profesional en la crítica de arte y la enseñanza.

## **2. Você considera que ser mulher é um diferencial para construir uma carreira na Museologia?**

*¿Considera que ser mujer es un diferencial para construir una carrera en museología?*

**Adriana Mortara Almeida:** Sempre trabalhei com muitas mulheres em museus, mas até recentemente esses museus eram dirigidos apenas por homens. Ser mulher, em qualquer campo profissional, é um desafio. Lembro-me de quando fui participar, em 2003, de um evento do Observatório de Museus e Centros Culturais em Petrópolis e minha filha tinha poucos meses. Tive que arrumar todo um esquema para levá-la e amamentá-la e para participar do encontro. Como muitas das profissionais eram mulheres, também me acolheram. O que difere na construção da carreira é o esforço extra.

**Maria Ignez Mantovani Franco:** De certa forma, sim, pois a Museologia é uma ciência mediadora que requer articulação e desenvolvimento de sinergias entre várias áreas do conhecimento, capacidades femininas amplamente requeridas como aptidões chave para o século em que vivemos. Por outro lado, creio que uma profissional de museu tem talento para, simultaneamente, desenvolver conceitos inovadores e atuar de forma singular no plano da implementação de ideias e projetos.

**Marília Xavier Cury:** Ser mulher é um diferencial em qualquer área. Independentemente da competência que a mulher tem, sua preparação e estudos, a mulher tem outra sensibilidade, é educada de uma forma mais sensível e emocional, e a sensibilidade e a emoção são importantes em todas as áreas e setores profissionais. Então, a Museologia que cultivo, defendo e acredito é sensível, e a emoção faz parte dela. Ao contrário do que se possa dizer – que isso é um traço de falta de profissionalismo –, afirmo que a sensibilidade e a emoção fazem parte da vida profissional. Não existe neutralidade, como não existe objetividade definitiva, logo, somos seres subjetivos, temos pontos de vista, estamos sujeitos a sensibilidades e, se a emoção não for um elemento do museu, melhor fechá-lo. A mulher não tem receio de se colocar diante dessas questões, de avaliar ou analisar e mesmo de tomar decisões com base na subjetividade. E ela também não confunde subjetividade com falta de profissionalismo, de modo que abre mão de uma atitude agressiva e defensiva com base em outros valores e pontos de vista. Nesse sentido, um diferencial para eu construir uma carreira na comunicação museológica é a minha subjetividade, sensibilidade e forma de lidar com a emoção no trabalho.

**Milene Chiovatto:** Sim, se pensarmos o termo *diferencial* como uma problemática. Ou seja, não em termo de vantagens ou privilégios, mas, pelo contrário, como condição de resistência e luta no campo de nossa atuação. Embora o campo seja povoado desde sempre por profissionais mulheres, ainda vemos discrepância entre os postos ocupados por essas profissionais em relação aos ocupados por profissionais homens. Outro ponto problemático é

a relação tensa entre o fato de a carreira de Museologia poder ser entendida como consequência de formação e prática profissionais ou de pertencer a determinadas entidades.

**Rosalía Torrent Esclapes:** Es una pregunta de difícil respuesta. Es cierto que bastantes mujeres que hoy estamos al frente de determinados espacios artísticos venimos de una trayectoria feminista, y consecuentemente ejercemos nuestro trabajo desde esta perspectiva. Somos feministas y esto es un “trabajo a tiempo completo”, lo somos en nuestras casas, en las calles y en nuestros centros de trabajo. Pero también hay mujeres en la dirección de centros que son profesionales no vinculadas a ese movimiento. Consecuentemente, no se plantean determinadas cuestiones. Sin embargo, el sentido común de muchas de ellas (y de ellos) les hace llegar a planteamientos afines a los nuestros. El problema es cuando el sentido común brilla por su ausencia. Y se dan casos.

### **3. Existe alguma função dentro do museu que considere que tem maior participação feminina?**

*¿Hay alguna función dentro del museo que consideres que tiene mayor participación femenina?*

**Adriana Mortara Almeida:** Por eu ter atuação preponderante na área de educação em museus, posso afirmar que é uma área que congrega muitas mulheres, assim como outras áreas da educação. Na equipe educativa do MAE-USP, na qual atuei por vários anos, havia apenas um homem, Camilo Vasconcellos. Em congressos do CECA-ICOM também encontrava mais mulheres do que homens, todas atuantes na educação museal em diversos países. Atualmente sou professora do curso de Museologia da UFMG e percebo uma preponderância de alunas mulheres.

**Maria Ignez Mantovani Franco:** As mulheres permeiam hoje todo o campo museal, com muito talento, sensibilidade e competência. Prefiro destacar as áreas que identifico serem mais carentes do saber feminino: desenvolvimento institucional, gestão, curadoria colaborativa e educação.

**Marília Xavier Cury:** Não considero que uma função esteja mais relacionada à mulher. Acho que todas e qualquer função podem ser desempenhadas por mulheres e por homens. O fato de haver historicamente mais mulheres no museu, em algumas atividades mais do que em outras, tem a ver com nossa sociedade e também com a pressão atribuída aos homens para buscar os mais altos cargos, e os mais altos salários são reservados a eles. É uma questão de estrutura social que afeta o mundo do trabalho. O que marca isso é, podemos dizer, que o homem é aquele mais educado para o trabalho (a objetividade) e a mulher, menos (a

subjetividade, a sensibilidade e a emoção), criando um desequilíbrio que desfavorece a mulher no cotidiano profissional. Mas, por outro lado, muitas vezes é a mulher que assume certas atividades, com uma consciência sobre o que precisa ser feito, independentemente do quanto ela vai se sobressair ou se vai de fato ser reconhecida ou valorizada.

**Milene Chiovatto:** Sem nenhuma dúvida, as funções relativas às ações educativas. Seguindo, talvez, o perfil dos docentes da educação formal nas fases iniciais (educação infantil até ensino fundamental I), a maior parte das equipes educativas dos museus é formada por mulheres, o que é reconhecível nos encontros de educação museal tanto nacional quanto internacionalmente.

**Rosalía Torrent Esclapes:** El equipo del museo que dirijo está formado, mayoritariamente, por mujeres. Ellos y ellas ocupan áreas similares. Solo hay algo que desde luego llama la atención y es significativo: las personas que se ocupan de la limpieza del centro (que no son personal del museo) han sido siempre mujeres, como por otra parte ocurre en la Universidad en la que imparto clases. Sin embargo, cuando el mantenimiento (también con personal externo al centro) lo llevan a cabo hombres. Se impone una reflexión ante la normalización de un hecho anómalo.

#### **4. O que poderia dizer sobre a participação de mulheres na gestão e na produção intelectual nos museus brasileiros?**

*¿Qué podría decir sobre la participación de las mujeres en la gestión y la producción intelectual en los museos de su localidad?*

**Adriana Mortara Almeida:** Até recentemente, pouquíssimas mulheres dirigiam museus. Uma exceção importante é Ana Mae Barbosa, que dirigiu o MAC-USP (1987-1993), valorizando a área de educação na estrutura do museu.

As primeiras referências da área que eu li foram de mulheres – como Ana Mae Barbosa e Maria Cristina Bruno – e de homens – como Ulpiano Meneses. Na área de educação, as primeiras dissertações foram todas de mulheres: Vera de Alencar (1987), Margaret Lopes (1988), Denise Grinspum (1991), Sibeles Cazelli (1992), Beatriz Muniz Freire (1992), Maria Esther Valente (1995), entre outras. E a minha pós-graduação foi orientada por mulheres: Maria Helena Pires Martins (mestrado e doutorado) e Margaret Lopes (pós-doutorado).

**Maria Ignez Mantovani Franco:** Se pensarmos historicamente, a participação de mulheres na gestão de museus é uma conquista relativamente recente, das últimas décadas do século XX, e, de certa forma, consolidada por mérito de nossas predecessoras. Mas há questões que preocupam, entre elas, carência de processos de seleção justos, remuneração adequada,

cuidados com a saúde mental, mentoria, possibilidade de ascensão na carreira, desenvolvimento profissional e igualdade de oportunidades. Já no campo intelectual, a produção feminina se destaca sobremaneira. São inegáveis a amplitude e a profundidade da produção conceitual feminina no campo museal, como atestam os elevados resultados acadêmicos alcançados. Cito Sandrine Pujar: “A ideia de que a criatividade é masculina leva à marginalização das mulheres de papéis criativos de prestígio nas indústrias culturais e à sua concentração em empregos que envolvem qualidades que são estereotipadamente atribuídas a elas”.<sup>1</sup>

**Marília Xavier Cury:** Este é um tema vasto, pois a participação das mulheres pesquisadoras, gestoras e na profissionalização dos museus é imensa. Em São Paulo, uma expoente é a Waldisa Russio Camargo Guarnieri, com grande participação internacional e nacional. Essa profissional deixou um legado à formação, gestão e teoria museológica de forma coerente com um pensamento museológico fincado na função social do museu. Essa profissional, entre outras brasileiras, deixou suas marcas profundas no pensamento museológico e na gestão museal. No entanto temos sempre que nos lembrar das bases do cotidiano, daquelas mulheres que a cada dia deixaram suas marcas em todos os setores museais. São muitas. Espero que cada museu faça essa justiça, destacando e reconhecendo o papel das mulheres no cotidiano do fazer museal.

**Milene Chiovatto:** Embora tenhamos casos de gestão geral (direção) de museus em mãos de mulheres no país, isso é ainda a exceção. É comum, por exemplo, que a direção seja assumida por profissionais homens, tendo hierarquicamente abaixo de si várias gestões de área femininas, o que evidencia o valor desigual atribuído a essas profissionais por seu próprio campo de atuação. No caso da Pinacoteca de São Paulo, por exemplo, desde sua fundação até o momento, tivemos apenas três diretoras mulheres, para onze diretores homens, apenas um deles negro.

**Rosalía Torrent Esclapes:** En mi localidad solo hay un museo, el que dirijo. Si vamos a los museos de la capital y provinciales, el de la Ciudad de Castellón lo dirige una mujer, también implicada en la consecución de la igualdad de género. El resto de centros que ahora recuerdo están dirigidos por hombres. Cabe destacar, no obstante, que la principal galería privada de la ciudad fue fundada por una mujer, hace ya varias décadas; se trata de una persona, además, vinculada al movimiento feminista. No estoy relatando, desde luego, un panorama idílico, sino una coyuntura concreta que hizo que determinados espacios se dibujaran como tales.

**5. O que você destacaria sobre a participação das mulheres na gestão e produção intelectual em museus ibero-americanos (ou em seu país de atuação)?**

*¿Qué destacaría de la participación de la mujer en la gestión y producción intelectual en los museos iberoamericanos (o en su país de operación)?*

**Adriana Mortara Almeida:** No Brasil, é clara a importância da produção intelectual de mulheres no campo dos museus. Para além das profissionais já citadas, em todo o país há mulheres fundamentais, como Maria Célia Moura Santos (BA), Zita Possamai (RS), Magaly Cabral (RJ), Eneida Braga Rocha (DF), Luciana Sepúlveda Koptcke (DF), Martha Marandino (SP), Amanda Tojal (SP), Rosângela Marques Britto (PA), Manuelina Duarte (GO), entre muitas outras que eu não conheço ainda. A força de gerações mais jovens, como as de Luciana Conrado Martins, Fernanda Castro e Andrea Costa, indica que as mulheres se manterão em destaque.

**Maria Ignez Mantovani Franco:** No campo da gestão, o desempenho feminino é comprovado e atinge níveis de sofisticação surpreendentes, com destaque para a habilidade na gestão de pessoas. Da mesma forma, a produção intelectual feminina é crescente e desafia campos de conhecimento antes reservados majoritariamente a homens. Refiro-me, por exemplo, aos museus de ciência, tecnologia, ciências ambientais. Durante a pandemia, as mulheres se destacaram como porta-vozes de instituições científicas, como o Instituto Butantã e a Fiocruz, ambas detentoras de museus. Elas passaram a ter um papel crucial na formação da opinião pública sobre temas como a saúde e o bem-estar social.

**Marília Xavier Cury:** Na gestão, temos mulheres destacadas no Brasil que, cada uma na sua posição e momento, trouxeram contribuições relevantes. Os museus federais e estaduais ganham sempre destaques, por isso as mulheres nesses contextos museais também conquistam seus espaços de projeção. Nesses museus, além das gestoras, há outras posições que nem sempre têm seus protagonismos reconhecidos, como a educação museal e a expografia. A falta de valorização encobre a construção de conhecimento desses setores específicos e noutros, o que compromete as práticas museográficas atuais e futuras, deixando o museu disponível às mudanças de gestões públicas e também ao neoliberalismo, que usa e sobrepõe experiências de décadas, particularmente aquelas voltadas aos saberes relacionados aos públicos visitantes.

**Milene Chiovatto:** No Brasil, destacaria a produção intelectual das mulheres que atuam na educação museal; a produção teórica de Waldisa Rússio, conforme já citada; e em termos de gestão, destacaria a de Magaly Cabral à frente do Museu da República. Nos países ibero-americanos há experiências fantásticas de gestão de espaços museais mais abertos e

nitidamente conectados às suas comunidades, como é o caso da gestão do Museo de Sitio de Túcume, no Peru, feita por Bernarda Delgado Elias, e do Museo Itinerante de la Memória de Montes de María, da Colômbia, feita por Soraya Bayuelo, entre outros.

**Rosalía Torrent Esclapes:** En España, muy recientemente, se han incorporado a la gestión de dos grandes espacios expositivos (en Valencia y Barcelona) dos mujeres. Hasta este momento, su presencia en estos grandes lugares era muy limitada. Son centros, ambos, de arte moderno y contemporáneo. Esto debería hacer nos reflexionar. Todavía, para las grandes pinacotecas que están en la mente de todo el mundo, parece no haber “sonado” ningún nombre de mujer.

## **6. O que você destacaria sobre a representação de mulheres artistas em acervos de museus ou no museu onde atua?**

*¿Qué destacas en una representación de mujeres artistas en museos o en el museo donde trabajas?*

**Adriana Mortara Almeida:** Como atuo há pouco tempo no Educativo do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, falarei sobre o trabalho desenvolvido no Museu Histórico do Instituto Butantan, na época em que eu o dirigia (2010-2019). A equipe fez todo um levantamento sobre profissionais mulheres que atuaram no instituto ao longo de sua história e criou várias atividades educativas dando destaque a essas mulheres, que foram minoria durante o século XX. A ação educativa recebeu o prêmio Best Practices, do CECA-ICOM, em 2019.

**Maria Ignez Mantovani Franco:** Este é um ponto sensível na dinâmica museal brasileira. Há uma incongruência marcante: apesar de os contingentes populacionais de pretos e de mulheres serem majoritários, sua representação nos acervos é ínfima. Esforços têm sido registrados para tentar equilibrar esses indicadores. Porém, na busca por equivalências, temos que atentar não apenas à ordem numérica, mas também à diversidade, regionalidade, historicidade, representatividade. Em 2017 o MASP sediou uma retrospectiva do grupo Guerrilla Girls, inspirando um pôster. Como estarão esses números hoje?

**Marília Xavier Cury:** O MAE-USP guarda um importante acervo arqueológico e etnográfico. Nesse acervo, a mulher é produtora de objetos, como as mulheres indígenas. Elas vêm cada vez mais sendo representadas, mas, sobretudo, se autorrepresentando. O que faço e como faço é (re)organizar ações dialógicas no museu de forma que os indígenas tenham suas vozes e presenças respeitadas. Nesses processos, as mulheres indígenas têm espaço garantido na estrutura de funcionamento, levando ao maior público possível sua mensagem.

**Milene Chiovatto:** Como atuo em um museu de artes, é preciso considerar que, durante o modernismo paulista, as mulheres desempenharam um papel determinante, e Tarsila do Amaral continua a ser a artista mais referencial e conhecida daquele período, talvez da história da arte brasileira. Entretanto é necessário considerar que, em outros extratos de tempo, a presença de artistas mulheres é menos visível, embora os museus estejam tentando, se não reverter, ao menos compensar a diferença entre a presença masculina e feminina em suas coleções, como parte das ações afirmativas em voga contemporaneamente.

**Rosalía Torrent Esclapes:** Durante estos últimos años, se ha buscado aumentar el fondo de mujeres artistas de la colección del museo. Dado que es un centro de arte contemporáneo, se ha intentado introducir obras de mujeres artistas que están en plena actividad junto a otras de generaciones anteriores a las que podríamos considerar “clásicas modernas”. Uno de nuestros intereses ha sido la convivencia entre tendencias y experiencias.

#### **7. Você identifica a existência de uma estrutura machista em museus e na Museologia? Como isso se manifesta?**

*¿Identifica la existencia de una estructura sexista en los museos y la museología? ¿Cómo se manifiesta esto?*

**Adriana Mortara Almeida:** A direção/gestão de museus parece ainda bastante concentrada na mão de homens. Acredito que, nos últimos vinte anos, tenha havido um avanço no sentido de esse espaço poder ser ocupado por mulheres, mas ainda há muito a conquistar.

No universo acadêmico, em estruturas de institutos de pesquisa e universidades, essa situação é similar: mais homens nos cargos de gestão, de decisão, do que mulheres.

**Maria Ignez Mantovani Franco:** A estrutura machista brasileira permeia toda a sociedade. As mulheres no campo da cultura ganham em média apenas 67,8% dos salários dos homens, contra 82,8% no todo das atividades econômicas.<sup>2</sup> Um exemplo bastante claro é a disputa para provimento de cargos de direção em museus públicos e privados. Candidatas sofrem os mesmos preconceitos de que as mulheres são vítimas em outros campos profissionais e são avaliadas por questões como ser casada, ter filhos, se está em idade para engravidar, se tem disponibilidade para viajar.

**Marília Xavier Cury:** O museu é impactado de fora para dentro, é um reflexo do seu contexto. O machismo nos museus está cada vez mais sendo identificado, quando manifestado como abuso de poder, relações corporativas, assédio moral e sexual, misoginia, fragilidade nas boas práticas e na ética nos ambientes museais de trabalho. A cada dia, discussões e movimentos vêm contribuindo para que se eduque, iniba e puna aquilo que é impróprio na

relação de poder entre homem e mulher. Que cada vez mais o respeito à mulher ganhe projeção, com medidas que intervenham contra a inferiorização da mulher no museu.

**Milene Chiovatto:** Sim. Ele se manifesta quando vemos uma mulher sequer ser considerada para posições de gestão geral; ou quando as contribuições femininas à construção conceitual dos museus são consideradas como menores, ou na clássica manutenção do sistema hierárquico dominado por homens, em que os homens pensam e as mulheres executam. Além disso, essa estrutura é perceptível cotidianamente na falta de construções coletivas que assola nossos museus. Percebo que as mulheres têm maior abertura para ouvir e considerar posições divergentes das suas e promover construções coletivas.

**Rosalía Torrent Esclapes:** Desde luego, si miramos hacia nuestro alrededor, vemos que muchos de los centros de más impacto en cuanto a repercusión pública y actividades (no quiero decir “importantes” porque este es un término a revisar dentro de nuestro ámbito) están dirigidos por varones y su estructura reproduce los hábitos patriarcales. Esto es algo habitual en muchos otros ámbitos donde de alguna manera se ejerce un “poder” o influencia. Los museos no son una excepción.

#### **8. Você já passou por alguma situação de enfrentamento contra o machismo ou na sua trajetória profissional?**

*¿Ha pasado alguna vez por una situación de enfrentamiento al machismo en su trayectoria profesional?*

**Adriana Mortara Almeida:** No Instituto Butantan, presenciei olhares e comentários de homens, que poderiam ser considerados assédio às mulheres, difíceis de combater. Em relação a preconceitos em geral, no instituto houve caso de homofobia de servidores contra membros da equipe do Museu Histórico, que foi devidamente denunciado e encaminhado à justiça. Recentemente, infelizmente, percebemos algumas atitudes de visitantes do MHNJB-UFMG claramente racistas contra uma servidora e que, na medida do possível, foram identificadas e combatidas de imediato.

**Maria Ignez Mantovani Franco:** Sim, em alguns momentos. Mas destaco como dificuldade mais expressiva o preconceito com relação à idade. Era muito jovem quando iniciei minha atividade profissional, e a condição de diretora da primeira empresa da área causava estranhamento entre profissionais do próprio campo museal. Com o decorrer do tempo, os projetos museológicos se intensificaram, assim como a participação nas instâncias de representação profissional. Em pouco tempo, foram estabelecidos os elos de credibilidade em torno da empresa e de nossas equipes, que perduram até hoje.

**Marília Xavier Cury:** Não colocaria a questão no passado, mas no presente, pois as mulheres ainda passam por situações de enfrentamento contra atitudes machistas ao longo de suas trajetórias profissionais e no cotidiano de trabalho. O machismo não é uma questão do passado, mas do presente, e a cada dia reconhecemos mais claramente como isso se processa contra mulheres de diferentes idades, etnias, situações socioeconômicas e orientação sexual, como são discriminadas, o quanto sofrem com isso e o quanto são prejudicadas funcionalmente. Precisamos falar sobre isso, precisamos expressar o que passamos e o que sentimos, precisamos nos preparar para combater atitudes que diminuem, menosprezam, ocultam mulheres, como forma de deflagrar o *modus operandi* do poder machista.

**Milene Chiovatto:** Várias. Desde ser preterida em processos de sucessão até o enfrentamento aos tratamentos masculinos cotidianos, como ter ideias negadas e depois assumidas como geniais por virem de outrem do gênero masculino. E até mesmo o chamado *mansplaining*, quando um homem lhe explica aquilo que você domina. Acredito que todas nós, mulheres, passamos por isso, independentemente de nossas profissões. Nos museus não é diferente.

**Rosalía Torrent Esclapes:** ¿Os referís a si he tenido que enfrentarme a situaciones machistas? Solo recuerdo una ocasión. Un artista varón quiso ceder una obra al museo, pero durante un tiempo, para equilibrar la colección, recibíamos preferentemente obras de mujeres o de hombres que aportaran a la colección elementos de los que ésta carecía. Al decirle que no podíamos acoger esa obra, empezó a hablar (de forma agresiva) de las injusticias que tenían que sufrir los hombres y de cómo el feminismo los estaba marginando. Lo cierto es que su obra (y visto lo visto tampoco él como persona) no nos interesaba.

**9. Você considera possível pensar em políticas públicas que favoreçam o combate ao machismo presente dentro e fora dos museus? Se sim, que exemplos poderia compartilhar?**

*¿Considera posible pensar en políticas públicas que favorezcan la lucha contra el machismo presente dentro y fuera de los museos? Si es así, ¿qué ejemplos podría compartir?*

**Adriana Mortara Almeida:** Acredito ser possível combater o machismo em todos os espaços, incluindo os museus. Isso se dá desde pequenas atitudes, nas conversas, assim como na possibilidade de as mulheres ampliarem sua participação nos espaços de poder. Como fomos criadas em uma sociedade culturalmente machista, muitas vezes nós mesmas reproduzimos atitudes e visões machistas. Tudo começa em nós mesmas e vai se ampliando e multiplicando. Ações que dão visibilidade a mulheres na ciência, na arte e em diferentes campos são muito benéficas para esse processo de combate ao machismo.

**Maria Ignez Mantovani Franco:** Os avanços recentes na luta contra todo tipo de preconceito parecem ser o melhor caminho a trilhar contra o machismo, dentro e fora dos museus. Certamente teremos que lutar de forma irrestrita, e os museus podem se tornar *ágoras* – ou seja, espaços de reunião e debate – para sediar esse importante movimento, capaz de mobilizar políticas públicas diversas e inclusivas. O Museu Judaico de São Paulo, que teve a coordenação museológica da Expomus em sua implantação, não luta apenas contra o antissemitismo, mas contra toda forma de discriminação.

**Marília Xavier Cury:** É cabível e urgente que as políticas públicas sejam elaboradas para que se eduque, iniba e combata estruturas autoritárias que atingem mulheres; este deve ser um compromisso do Estado no exercício da democracia e das gestões públicas. Na USP, temos a recém-criada Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento estruturada em cinco áreas, uma delas é “Mulheres, relações étnico-raciais e diversidades”.<sup>3</sup> Seria muito bom que as estruturas de gestão pública museal estivessem aparelhadas nesse sentido, a considerar os sistemas federal, estaduais e municipais de museu.

**Milene Chiovatto:** Embora quase todas as constituições dos Estados modernos assegurem as igualdades entre seus cidadãos, nós, mulheres, sabemos que ela não está assegurada. De violência doméstica a diferenças salariais, ainda há muito que caminhar rumo a esse parâmetro. Por isso, creio que deveríamos ter políticas públicas em duas frentes: uma que combatesse o machismo, por meio de aferição de multas e possibilidade de abertura de processo contra assédio e discriminação; e outra de conscientização e educação sobre a importância social das mulheres.

**Rosalía Torrent Esclapes:** Sí, claro, es posible pensar en políticas que favorezcan esta lucha. La primera acción pasa por tomar conciencia del problema. Solo a partir de ahí podremos comenzar a resolver las desigualdades. Internacionalmente, es paradigmático el trabajo de esas Guerrilla Girls que nos enseñaron a contar para ver cuántas éramos y en qué lugares estábamos. En España esa labor la retomó Mujeres en las Artes Visuales (MAV), que ha instado a las instituciones públicas vinculadas al arte a tomar conciencia de su situación. Algunas han retomado el guante, implantando la Herramienta de Autodiagnóstico facilitada por aquella Asociación. El primer paso es darse cuenta de la realidad, para tomar medidas y transformarla.

10. **Como é possível ampliar a representação, participação e fortalecimento das mulheres nos museus? Quer seja do ponto de vista da presença delas em obras e documentos dos acervos, como nas práticas e atividades profissionais exercidas nos e**

### **pelos museus?**

*¿Cómo es posible aumentar la representación, participación y empoderamiento de las mujeres en los museos? Ya sea desde el punto de vista de su presencia en las obras y documentos de las colecciones, ya sea desde el punto de vista de las prácticas y actividades profesionales realizadas en y por los museos.*

**Adriana Mortara Almeida:** Acredito que por meio de ações, pontuais ou mais amplas, que destaquem o papel das mulheres enquanto profissionais de museus – na condição de cientistas, artistas, pessoas relacionadas às temáticas e aos acervos de diferentes museus – ampliaremos o entendimento do papel dessas mulheres. As trabalhadoras dos museus de todas as áreas precisam também ser valorizadas. Um dos caminhos, por exemplo, é a compreensão da mulher que é mãe e das necessidades que advêm da maternidade, para além dos direitos garantidos pela legislação trabalhista.

**Maria Ignez Mantovani Franco:** O estímulo à maior participação e fortalecimento da presença feminina nas equipes dos museus é algo que pode ser feito de forma mais efetiva por meio de políticas públicas claras, sob o olhar atento da sociedade brasileira.<sup>4</sup> Já quanto à representatividade da produção artística e da pesquisa científica das mulheres nos acervos de obras e/ou documentais dos museus, vejo que o desafio será imenso, pois pressupõe uma revisão histórica que tem sido escamoteada há séculos. Há muito trabalho a fazer, mas trata-se de ação necessária e estruturante para os museus brasileiros.

**Marília Xavier Cury:** Há muito o que conquistar sobre a participação das mulheres no museu. Falar sobre isso é uma atitude educacional que evidencia o que queremos mudar e para onde queremos levar os direitos da mulher na academia, nos museus, nas estruturas de gestão pública museal e nas organizações que debatem Museologia.

Outra atitude é descentralizar, reconhecendo o papel da mulher no museu. Em todos os museus: pequenos, médios ou grandes, nos grandes centros urbanos, nas cidades de médio e pequeno porte, nos museus comunitários e nos indígenas. Todas as mulheres são importantes em todos os museus.

Por outro lado, não devemos deixar que disputas alimentadas pela “meritocracia”, pelos “rankings” e pelo marketing engulam o que temos de mais precioso nos museus, as pessoas e, entre elas, as mulheres. Ou que regulem julgamentos que afetem negativamente o que se entende como produção de conhecimento e sua validação e discriminação daqueles que não atendem a padrões fechados. Nessa perspectiva, há disputas entre áreas e entre pares. Nisso, a Museologia perde, e a profissional mulher perde duas vezes.

**Milene Chiovatto:** Acredito que seja necessário exatamente acabar com essa separação. É possível para um curador homem, por exemplo, compreender a necessidade de ampliar a representação das obras e documentos das mulheres nas coleções dos museus, mas é mais complexo que qualquer homem reconheça a igualdade com aquelas mulheres que atuam a seu lado, devido a preconceitos estruturais.

**Rosalía Torrent Esclapes:** Se trata de tener sentido común, que al fin y al cabo es lo que está en la base de la igualdad. Hay que trabajar teniendo en cuenta la paridad de género. En instituciones educativas como las universitarias, a la hora de formar tribunales o presentar proyectos de investigación, se exige esta paridad. En el mundo de los museos, esa paridad (en la colección) puede ser difícil de conseguir puesto que muchos de ellos parten de una colección muy definida y con carácter histórico muy marcado. No obstante, la lectura que se puede hacer de esas carencias (compartida con los públicos) es ya de por sí un acto que puede repercutir en el empoderamiento de esos espacios. Y por supuesto, programar desde esta vertientes, y emitir estudios que contextualicen las obras expuestas.

**11. É possível identificar algum(ns) movimento(s) de transformação do panorama de representação e participação de mulheres no contexto museal na atualidade e/ou no museu onde você atua?**

*¿Es posible identificar algún movimiento(s) para transformar el panorama de representación y participación de las mujeres en el contexto museístico actual y/o en el museo donde trabaja?*

**Adriana Mortara Almeida:** Tenho percebido, em alguns museus de arte, destaques para artistas mulheres, com exposições específicas e valorização de curadoras mulheres. Há também museus de ciências que têm se dedicado a dar visibilidade para mulheres cientistas, assim como museus históricos e antropológicos. O importante é não pararmos em ações pontuais e levarmos aos cotidianos e aos programas de longo prazo.

O MHNJB-UFMG é dirigido atualmente por uma mulher, uma exceção em sua história; não sei se ocorreram ações específicas de valorização da mulher nesse museu. Pretendo incentivar o Educativo a realizar atividades futuras nesse sentido.

**Maria Ignez Mantovani Franco:** A mobilização social das mulheres em busca de respeito, equidade e representatividade influi positivamente também no campo dos museus, pois há uma retroalimentação de forças ativas. Na Expomus, o corpo diretivo, conceitual e técnico é composto historicamente por 95% de mulheres. Os critérios para seleção sempre foram baseados na formação, experiência, competência e engajamento com a causa museal. Já nas

equipes sazonais, há uma mescla bastante diversa de representações, que variam de acordo com as características de cada projeto.

**Marília Xavier Cury:** Devemos descentralizar ainda mais, marcando a presença das mulheres em diferentes contextos. E uma postura decolonial é essencial. A referência que trago são das gestoras e curadoras do Museu Worikg (do povo Kaingang, Terra Indígena Vanuüre, em Arco-Íris, São Paulo), Dirce Jorge, Susilene Elias de Melo e Itauany Larissa de Melo Marcolino e da curadora Jandira Umbelino, que formou a primeira coleção desse museu indígena. Também há de se destacar as gestoras e curadoras do Museu Akãm Orãm Krenak (Terra Indígena Vanuüre), Lidiana Damaceno Krenak e Maria Helena Damaceno. Gostaria ainda de trazer para este depoimento os nomes das indígenas recém-formadas em Museologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Nyela Jenipapo, do Museu Indígena Jenipapo Kanindé (Aldeia Lagoa Encantada do povo Jenipapo Kanindé, na cidade de Aquiraz, Ceará), e Antônia Kanindé, do Museu Indígena Kanindé (Aratuba, Ceará), funcionária na Secretaria de Cultura do Estado do Ceará.

**Milene Chiovatto:** Como citei, existe uma onda curatorial voltada às ações afirmativas que atualmente promovem revisão das coleções de arte para incorporar mais obras de mulheres em suas coleções. O que quero pontuar é que, ao menos no campo das representações, parece existir o desejo por um maior equilíbrio, mas isso não necessariamente implica o mesmo movimento no cotidiano. Também lembro o movimento Mulheres Transformam os Museus, em ação há alguns anos, que busca fomentar a igualdade nessas instituições e elaboraram, inclusive, um formulário diagnóstico para entender as relações internas aos museus no que tange aos gêneros.

**Rosalía Torrent Esclapes:** Antes he citado a Mujeres en las Artes Visuales, resaltando su labor de años. También habría que destacar a la Colectiva Portal de Igualdad, uno de cuyos objetivos es que los museos (al igual que poseen un Portal de Transparencia en sus páginas web), implanten un Portal de Igualdad que recoja todas las experiencias vinculadas al género llevadas a cabo en el centro. Me parece una iniciativa muy interesante y necesaria.

## Notas

---

<sup>1</sup> PUJAR, Sandrine. *Gender Inequalities in the cultural sector*. Culture Action Europe: Bruxelas, 2016. Disponível em: <https://cultureactioneurope.org/files/2016/05/Gender-Inequalities-in-the-Cultural-Sector.pdf>. Acesso em: 19 Out. 2022.

---

<sup>2</sup> IBGE. *SIIC 2007-2018: Setor cultural ocupa 5,2 milhões de pessoas em 2018, tendo movimentado R\$ 226 bilhões no ano anterior*. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/26235-siic-2007-2018-setor-cultural-ocupa-5-2-milhoes-de-pessoas-em-2018-tendo-movimentado-r-226-bilhoes-no-ano-anterior>. Acesso em: 19 Out. 2022.

<sup>3</sup> Sobre isso, ver: YAMAMOTO, Erika. “USP cria Pró-Reitoria para ampliar ações de inclusão e pertencimento”. *Jornal da USP*, maio 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/institucional/usp-cria-nova-pro-reitoria-para-ampliar-acoes-de-inclusao-e-pertencimento/>. Acesso em: 20 Out. 2022.

<sup>4</sup> A pesquisa realizada no ano de 2020 pelo ICOM Brasil em parceria com a Tomara! Educação & Cultura com profissionais de museus teve 67% de mulheres cisgênero e 27% de homens cisgênero entre os respondentes. Essa proporção evidencia a presença marcante de mulheres no conjunto de profissionais brasileiros, distribuídas majoritariamente entre museus de arte e museus de história (ICOM BRASIL. *Dados para navegar em meio às incertezas*. São Paulo, 2020. Disponível em: [http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2020/11/20201119\\_Tomara\\_ICOM\\_Ciclo1\\_FINAL.pdf](http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2020/11/20201119_Tomara_ICOM_Ciclo1_FINAL.pdf). Acesso em: 19 Out. 2022.